

# Considerações

Sobre o elogio feito pelo general Borges Fortes ao seu patrono no Instituto de Geografia e História Militar do Brasil

Gen. SOUZA DOCCA

Quando o coração humano fala de alguém, com amizade, e das coisas com amor, o homem se revela em uma das manifestações mais nobres de sua existência — a da sinceridade.

Nessas páginas que acabamos de ouvir, onde brilha intenso e puro, o apego, que é o primeiro degrau da evolução afetiva da humanidade, segundo Augusto Comte, e que o é também do homem em particular, subindo, em amor, da cidade para a Província e desta para a Pátria — há nessas páginas que acabamos de ouvir, afeição que comove e que eleva.

Inicialmente é a recordação do berço natal e depois, ali, o encontro de dois homens, numa distância de mais de meio século, que a saudade recorda e o coração afaga.

Sim de dois homens, embora um no verdor dos anos, mas já sentindo a responsabilidade de um adulto, ao manejar tipos na tipografia de um jornal que, em pleno regime monárquico, se batia pela República.

Confirmava, assim, mais uma vez, o menino tipógrafo, este juízo do grande e sábio Saint Hilaire sobre a gente sulriograndense: “As crianças surpreendem-me por seu ar grave pensativo — são homens pequenos”.

O outro homem, no alvorecer da mocidade e ascendendo na carreira em que nobremente atingiu ao mais alto grau, pontificando em prol das idéias democráticas, fazia seu tirocínio literário, que havia de culminar como escritor militar e como historiador.

Este era Antonio José Dias de Oliveira e aquele João Borges Fortes — ambos generais mais tarde, ambos confrades depois, porque ambos homens de letras.

Do primeiro nos resta a memória edificante de suas magníficas lições de desprendimento, de patriotismo e de amor ao Exército, com que enriqueceu sua vida moral, que é alto exemplo de cidadão prestante.

O segundo, também exemplo de virtudes e de nobres dedicações, é, para o momento em que vivemos, orgulho nosso e estímulo para os moços e insentivo para os desprotegidos da fortuna, que procuram pelo cultivo da inteligência, se elevar, subindo e, desse modo, impõem seus triunfos, evitando a ignômia dos pobres de espírito, a que se refere Milton no *Paraizo Perdido* ao dizer que “quem precisa é mister descer tão baixo quanto alto quer subir”.

Borges Fortes depois de sua atividade no seio do exército, onde serviu inspirado pelas lições do mestre admirável, que é hoje seu patrono neste Instituto, não se afundou na ociosidade dos que não sentem a vibração da vida mental, que absorve, que encanta, que enobrece e que deleita.

Sua atividade intelectual, depois daquela atividade, se tornou mais fecunda e mais proveitosa para as nossas letras históricas.

O Rio Grande do Sul deve-lhe notáveis estudos sobre sua formação e, trabalhando para o Rio Grande, serve nobremente ao Brasil.

\* \* \*

*A Campanha das Cordilheiras* da autoria do general Dias de Oliveira, é um estudo de mestre. Assim o considera o general Borges Fortes e não pode ser outro o conceito de quem ler essas páginas eruditas.

Narra-se aí o fim da guerra.

Neste Instituto de História Militar do Brasil, tem inteiro cabimento, sobre o assunto, a menção do papel de destaque que o general José Antonio Cordeiro da Camara, depois visconde de Pelotas, teve naquela campanha, especialmente em sua última fase.

Sua atuação como comandante do Destacamento que pôs fim à guerra, está bem descrita no trabalho de Dias de Oliveira e magni-

ficamente estudada na monumental obra de nosso eminente confrade — o Sr. general Tasso Fragoso, *História da Guerra entre a Triplíce Aliança e o Paraguai*.

O que desejamos pôr em relêvo, por ser quase desconhecida, é a influência do general Corrêa da Camara no plano de manobra a partir de julho de 1869.

A 7 desse mês se reuniu em Pirajú um conselho de generais em que tomaram parte: o conde d'Eu e os generais Emilio Mitre, Osorio, Polidoro, o comandante em chefe da esquadra Elisiario dos Santos e o conselheiro José Maria da Silva Paranhos.

Foi aí discutido um plano de manobras traçado pelo general argentino Emilio Mitre, com três modos de ataque, que foram discutidos e contrariados vivamente pelo conde d'Eu e pelo general Osorio, ficando assentado, segundo resume o ilustre general Tasso Fragoso, que o plano de manobra "contra Lopez consistiria em guardar a linha férrea, que é a linha de comunicação, e os depósitos criados à margem dela, e levar o grosso dos aliados, mediante um movimento torneante pelo sul da posição de Lopez, à retaguarda do mesmo. Trata-se, pois, de um movimento estratégico napoleônico".

O segundo modo de ataque ideado pelo general Mitre consistia num "ataque contra o flanco direito do inimigo, partindo de Emboscada e avançando para Caacupé por Atira e Altos".

Essa idéia foi combatida pelo general Osorio.

O general Camara, que regressara a 8 de julho da expedição a São Pedro, foi, em seguida, chamado pelo conde d'Eu, no seu acampamento, em Pirajú, para uma conferência.

O que aí se passou foi assim narrado pelo ilustre vencedor de Aquidaban, em *Memória* de sua autoria, ainda inédita: "Tratava-se do ataque às Cordilheiras, marchando eu com uma força de 5.000 homens e 12 bocas de fogo pelo flanco direito do inimigo, movimento que deveria fazer desembarcando na Emboscada e seguindo para Caraguataí, povoação que ficava a 6 leguas para a retaguarda do exercito de Lopez e aí conservar-me até que o exercito fizesse o movimento pelo flanco esquerdo do inimigo.

"Felizmente foi abandonado este plano que era mais do marechal Guilherme do que do príncipe, e que encontrava decidido apoio da parte do conselheiro Paranhos.

"Nesta conferência fiz ver quanto tinha para mim de perigoso este movimento que me levava a passar a três léguas da direita do exército inimigo em marcha de flanco, que ainda feita com felicidade, expunha-me a ficar situado em Caraguataí, distante do rio Manduvirá mais de três leguas, linha única segura para minhas comunicações e por onde teria que receber abastecimento, e que podia ser interceptada pelo inimigo".

Manifestando-se sobre as operações para o termo da guerra disse o ilustre general Camara: "Eu penso que a campanha de ora em diante deve ser levada do norte para o sul e não mais do sul para o norte. Atacado do norte para o sul o exército paraguaio só poderá retirar-se para zona em que não encontrará recursos e onde com vantagem poderemos combater, com conhecimento do terreno.

"O inimigo será, portanto, facilmente vencido e obrigado a render-se pela falta de recursos, pela fome".

Aludindo a esse plano de manobras do futuro visconde de Pelotas, disse o general Cunha Matos, ao anotar a *História da Guerra do Paraguai* do major prussiano Max von Versen: "O fato de não se ter prosseguido na campanha como propôs o general Camara, trazendo-a de preferência do norte para o sul, para evitar que o inimigo fizesse guerra de recursos, talvez prejudicasse também as operações".

Sabemos todos como terminou a guerra: foram as tropas do Destacamento Correa da Camara que, em ação combinada do norte para o sul, surpreenderam os restos famintos dos heróicos soldados de Solano Lopez, em Cerro Corá, a 1 de março de 1870.

Assim aconteceu porque o bravo, capaz e infatigável general Camara, como observa o ilustre general Tasso Fragoso, "fiel às suas idéias e já que o conde d'Eu o deixou livre", traçou e executou seu plano de manobra.

Mais avulta ainda a ação do general Camara nesse final da guerra, quando se considera que nos últimos cinco meses da campanha se apoderou do conde d'Eu imoderado desejo de regressar ao

Brasil, dando para tal a guerra por terminada, sem que, na realidade, isso ocorresse.

Desesperara de capturar Solano Lopez, não acreditava, também, se pudesse em curto prazo expulsá-lo do Paraguai e, vencido por esse desânimo, escrevia repetidas cartas ao conselheiro Paranhos que, com a sua conhecida fortaleza de ânimo, respondia rejeitando-lhe coragem; dirigia-se aos amigos no Rio de Janeiro e importunava ao sogro a tal ponto que este, em regra calmo e bondoso, saíu fora da paciência e respondeu-lhe certa vez: "A declaração de finda a guerra soa-me ao toque de debandada".

A 15 de dezembro de 1869 o conde d'Eu informava ao Ministro da Guerra que a situação de Solano Lopez nas matas das Cordilheiras podia se prolongar "por uma série considerável de meses e quiçá de anos".

A 27 de janeiro seguinte dizia a um amigo no Rio de Janeiro que o general Camara "só por milagre" alcançaria Lopez.

Razão sobrava a Frederico II quando proclamou: "A guerra é um officio para os ignorantes, uma arte para os mediocres e uma ciência para os homens superiores".

Dois dias antes daquele *milagre*, eivado pelo pessimismo, escrevia o conde d'Eu ao Imperador, dizendo que ao chegar ao seu Quartel General a notícia de que Lopez se dirigia para as cabeceiras do Aquidaban todos, ali, decretaram que lá o ditador devia acabar.

Assim, entretanto, não pensava o missivista que, desalentado, conjeturou: "nada é impossível neste mundo; mas o mais provável é certamente que ele dispare ainda, como das outras vezes, e Deus sabe então até onde teremos de í-lo buscar".

Escreveu isso a 27 de fevereiro e a 1 de março Solano Lopez caía mortalmente ferido, em um dos galhos formadores do Aquidaban.

Ao ter conhecimento desse feito escreveu o conde d'Eu ao Imperador, contrito, em verdadeiro e nobre ato de penitência: "Neste momento porem de tanta e tão inesperada emoção não posso deixar de me lembrar de V. M. e de beijar a mão pedindo-lhe perdão por minhas descrenças e outras criaçadas como filho estrenuo e reverente".

Aquele pessimismo, esta descrença do comandante em chefe, não contagiou, felizmente ao exército em operações, graças a atitude de persistência, de fé, de desprendimento e de energia dos outros generais e entre estes se destacava o futuro visconde de Pelotas.

Devendo a História ser como a Justiça, segundo a definição desta no Direito Romano — a vontade firme e perpétua de dar a cada um o que lhe pertence, pareceram-se oportunas, neste momento e neste Instituto, as referências que acabo de fazer sobre a ação do general José Antonio Correa da Camara na Campanha das Cordilheiras.

\* \* \*

Invejavel o vosso destino, como homem de letras, Sr. general Borges Fortes!

Invejavel porque é formoso e edificante.

Foi ele que vos levou, ainda menino, à frente de uma caixa de tipógrafo, para compor, com ardor e entusiasmo, as prédicas de um jovem tenente — Dias de Oliveira — evangelizando a República.

Foi ele que vos conduziu à carteira de estudante na Escola Militar de Porto Alegre, para ouvir as lições erúditas que desciam da cathedra do mestre de Arte e História Militar, ocupada então por aquele sonhador do regime democrático — Dias de Oliveira.

Foi ele que depois vos lançou no mundo grandioso e sugestivo do campo de ação do Exército, para aí terdes como chefe um general que soube honrar esse alto posto — Dias de Oliveira.

Foi ele, ainda, que vos trouxe, entre os nossos aplausos e a nossa admiração, ao seio deste Instituto, para occupardes aqui a cadeira de que é patrono Dias de Oliveira.

Pertence-vos, de pleno direito, essa poltrona em que refulge aquele nome ilustre.

Desse modo, não se interromperá a obra do mestre e do amigo, de quem vos fizestes par e, portanto, com aquela chama de entusiasmo que se alteia sempre, com aquela tenacidade que persiste e vence, com aquela energia de aço de boa tempera — que são apanágios do ânimo do soldado e do espírito do historiador, continuareis, aqui, neste Instituto, a sua tarefa meritória, tendo como instrumento a pena, ao serviço da inteligência e esta, feito amor, servindo à Pátria, para maior glória do Brasil e mais alto orgulho nosso.